



CRIAÇÕES



CRIA
Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

Pessoas



© Joana Sá Couto

**A PARTIR DE UMA ENTREVISTA DE
VANESSA IGLÉSIAS AMORIM
(CRIA-ISCTE) A
JÚLIO SÁ REGO (CRIA-ISCTE)**

AGOSTO DE 2023

Júlio de Sá Rêgo

A PARTIR DE UMA CONVERSA ENTRE
VANESSA IGLÉSIAS AMORIM (CRIA)
E JÚLIO SÁ RÊGO (CRIA)

“Entre” – pode ser esta a palavra para descrever o percurso de Júlio Sá Rêgo. Cresceu entre Paris e o Rio de Janeiro. Hesitou entre Economia e Etnologia, tendo escolhido a primeira. Hoje o seu trabalho situa-se entre o Património Cultural Imaterial, a Economia, a Antropologia e o Ambiente.

Primeiros passos

Júlio Sá Rêgo nasceu em Paris, devido ao exílio dos seus pais. Passou a infância entre o Rio de Janeiro e Paris, para onde foi fazer o Ensino Superior. A conversa que deu origem a este texto trouxe à tona uma memória que estava esquecida: quando tinha de escolher a licenciatura hesitou entre Economia e Etnologia. Acabou por ingressar em Economia, mas já havia uma semente a germinar que acabou por brotar uns anos mais tarde com o ingresso no doutoramento em Antropologia: “Antropologia já estava por lá sem eu saber”, como diz em tom de brincadeira.

Essa semente talvez seja, como assume, fruto do contexto em que cresceu. Júlio nasceu no seio de uma família comprometida com a luta contra as injustiças. Recorda em particular a influência do avô materno e do pai. O avô, José Maria Rabêlo, foi jornalista do 1.º jornal de investigação política do Brasil, denominado Binómio e um dos fundadores do Partido Democrático Trabalhista. Já o pai, Ricardo Vilas, músico e compositor, esteve ativo no movimento estudantil contra a ditadura brasileira. Ambos tiveram de se exilar em diferentes períodos das suas vidas, e ambos tiveram uma participação política ativa, e Júlio foi crescendo e acompanhando estes percursos. Vê esta experiência como uma “herança familiar” que lhe deu bases para a formação da sua consciência política contra as injustiças do mundo.

Foi na Economia que procurou uma forma entender esse mundo produtor de injustiças, sendo a disciplina perfeita para uma pessoa que se assume tendencialmente estruturalista, que busca padrões e constâncias. Especializou-se em Economia do Desenvolvimento, para continuar na busca da compreensão das causas das diferenças entre os países. Seguiu o seu percurso com um mestrado em História do Pensamento Económico, e a sua tese de mestrado centrou-se na racionalidade camponesa – revelando outra semente a germinar dentro de si e que veio a brotar no seu projeto de investigação de doutoramento: o interesse pela questão agrária e camponesa.



Ilustração de Bruno Assis Fonseca

Na busca por formas de transformar o mundo

Foi como assessor político e económico do Partido Socialista Francês, em Estrasburgo, conta, que aprendeu a “operacionalizar o seu conhecimento” e que isso podia dar-lhe a capacidade de transformar o mundo.

Esta experiência enquanto “agente modificador do sistema” foi estruturante no caminho que seguiu, levando-o a várias cidades europeias na procura de encontrar uma forma de transformar o mundo com o seu trabalho. De França para Holanda, começou a trabalhar como consultor internacional. Com a vontade de continuar nessa área, decidiu fazer uma Pós-Graduação em Relações Internacionais, retornando a Paris.

Findo o curso, fez um estágio na UNESCO, do qual se seguiram várias colaborações nos diferentes sectores desta organização internacional. Com este trabalho percebeu que também o mundo institucional e burocrático pode ser “consciente das causas do mundo”. Acabou por se fixar no sector da cultura da UNESCO em 2015, para trabalhar no âmbito do Património Cultural Imaterial com os países africanos de língua oficial portuguesa. Foi, como diz, o “casamento perfeito” para o “Júlio da etnologia”, que ainda tinha dentro de si, e o Júlio economista que procurava formas de intervir no mundo. Passou a trabalhar de modo mais sistemático sobre o “peso da cultura e das tradições nas tomadas de decisões”, o que o levou a conhecer muito bem a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. No entanto, trabalhava no escritório como gestor de projeto e, por isso, passou, progressivamente, a “sentir inveja” dos especialistas que estavam no terreno.

Um encontro com uma antropóloga portuguesa, Amélia Frazão Moreira, que era a representante de

Portugal no comité de avaliação da convenção, ao qual se somou a vontade de ir para o terreno, levar-lhe-ão à Antropologia. Sentia que precisava de adquirir competências para ser especialista de terreno, e a Amélia desafiou-o a ingressar no Doutoramento em Antropologia em Lisboa, desafio que acabou por aceitar uns tempos mais tarde.

Acabou por se fixar no sector da cultura da UNESCO em 2015, para trabalhar no âmbito do Património Cultural Imaterial com os países africanos de língua oficial portuguesa. Foi o “casamento perfeito” para o “Júlio da etnologia”, (...) e o Júlio economista que procurava formas de intervir no mundo.

Do economista mecanicista a antropólogo inocente

Em 2017 voltou para o Brasil e nesse período, por influência da sua companheira Ariane Corradi, passou a interessar-se sobre inovações frugais. Desse interesse em comum surgiu um artigo em coautoria que lançou as bases da reflexão sobre a inovação frugal e o Património Cultural Imaterial¹.

1. - Sá Rêgo, Júlio e Corradi, Ariane A. (2018) ICH and Frugal Innovation: a Contribution to Development through the Framework of the 2003 Convention. International Journal of Intangible Heritage, 13. 173-187.

“Os primeiros tempos de trabalho de campo foram desafiantes, primeiro porque era um urbano a aventurar-se num mundo rural, e, segundo, porque era um economista a aprender a fazer etnografia.”

Avontadedecontinuaraaprofundar sobre a temática com particular interesse “no manejo do fogo” fê-lo ingressar ao Doutorado em Antropologia do Iscte. Na candidatura apresentou um projeto de pesquisa sobre a gestão do fogo através de conhecimentos indígenas no serrado brasileiro, que viria a mudar.

Chegado a Portugal, alojado na residência de estudantes, conheceu Cristiano Pereira, que frequentava o doutorado em Políticas e Imagens da Cultura e Museologia, que lhe falou sobre o programa das cabras sapadoras. Este programa despertou o seu interesse e Júlio decidiu mudar o seu projeto e fazer terreno em Portugal. Então dedicou-se a aprender sobre os baldios, a pastorícia e os incêndios no norte do país, amadurecendo o entendimento teórico e historiográfico sobre o tema.



Ilustração de Bruno Assis Fonseca

“O campo me levou”

No primeiro ano do doutorado, através dos contactos das associações de criadores, Júlio conseguiu chegar ao primeiro

interlocutor, um pastor do Alvão, que viria a ser uma figura-chave no decorrer do trabalho de campo. A partir daí “o campo me levou”, como conta.

Os primeiros tempos de trabalho de campo foram desafiantes, primeiro porque era um urbano a aventurar-se num mundo rural, e, segundo, porque era um economista a aprender a fazer etnografia. O clássico livro “O antropólogo inocente” de Nigel Barley, foi determinante: “ler sobre os bastidores do trabalho de campo e a confusão que é no começo ajudou a ter menos ansiedade no terreno”. Também as aulas de metodologia do Professor Brian O’Neil foram importantes para apurar algumas reflexões do que é fazer trabalho de campo.

Assim, permitiu-se a ir para o terreno sem amarras e expectativas. E porque a pastorícia implica necessariamente mobilidade, Júlio passou a caminhar com os pastores, observando, conversando e escrevendo, em resumo, partilhando os seus quotidianos. Esta experiência próxima levou-o a entender que não importava a procura pelo “pastor-tipo”, mas sim a relação dos pastores com os seus rebanhos e a paisagem e os seus conhecimentos tradicionais. Como conta entusiasmado, palmilhou as serras do Norte, “de Miranda do Douro ao Sistelo, da Foz do Tua ao Montesinho”, encontrando-se com pastores e também com criadores, negociantes e técnicos. Este trabalho possibilitou uma melhor compreensão da paisagem e da cultura pastorícia, e a sua importância na gestão do território.

Em paralelo, não esquece a importante influência da leitura de obras que funcionaram como “guias teóricos” para entender o que ia observando. A partir de autores clássicos da etnografia portuguesa, nomeadamente, Jorge Dias, Brian O’Neill, João Pina Cabral, passando por autores como Clifford Geertz, James C. Scott e Tim Ingold, Júlio Sá Rêgo, arquitetou as suas bases teórico-analíticas, seguindo sempre um processo indutivo, indo para o terreno “sem ideias iniciais” e só depois procurando nos autores pistas para a sua análise e entendimento.

Aquilo que encontrou durante o trabalho de campo, como conta, contrasta bastante com alguns discursos de movimentos ambientalistas, ligados a uma ecologia urbana burguesa, que concebem toda a atividade humana como prejudicial à conservação da natureza. Estes discursos, como defende, acabam por contribuir para a injustiça ambiental que as comunidades pastoris – e outras – estão sujeitas, e que são muitas vezes retiradas das suas paisagens, o que compromete o seu sustento. Assim, o seu trabalho de investigação analisa as questões ambientais entrelaçadas nas questões económicas porque, como diz, “o economista nunca deixou de estar presente”.

A sua tese é, então, fruto de uma pesquisa que cruza distintas abordagens teóricas, e sua formação e experiências anteriores. Mas, como afirma, “o contacto

etnográfico foi revelador e permitiu aperfeiçoar aquilo que eu já trazia”².



Varzigueto, Mondim de Basto, 2020. Cabras bravias a descansar ao pé de um estábulo tradicional abandonado. ©Júlio Sá Rêgo

O Criado do Pastor: a dimensão pública da pesquisa

A vontade de agir e transformar o mundo, mais do que a intenção de uma pesquisa científica estrita, levou-o a procurar comunicar e divulgar a sua investigação através de diferentes meios. Ainda durante o trabalho de campo e a escrita da tese, Júlio escreveu crónicas para o Jornal português *A Gazeta Rural* e para o Jornal indiano *Pastoral Times*, que lhe permitiram, por um lado, ir sistematizando as ideias durante o processo e, por outro, confrontar as suas interpretações de campo com os pastores. A

2. - Sá Rêgo, Júlio (2021). “De sol a sol”: dois estudos pastoris de prevenção de incêndios rurais [Tese de doutoramento, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/24159>

A sua tese é, então, fruto de uma pesquisa que cruza distintas abordagens teóricas, e sua formação e experiências anteriores. Mas, como afirma, “o contacto etnográfico foi revelador e permitiu aperfeiçoar aquilo que eu já trazia” .



isto somava-se a oportunidade de promover o seu trabalho e a pastorícia. Além das crónicas, Júlio também elaborou uma campanha para a ANCOTEQ - Associação Nacional de Criadores de Ovinos da Churra da Terra Quente, a fim de promover a raça ovina Churra da Terra Quente.

Escrita, entregue e defendida a tese, Júlio iniciou uma outra caminhada: transformar o seu conhecimento num livro cujo objetivo era “falar para o urbano”, dando a conhecer a cultura pastoril numa era de desafios socio-ecológicos. Nesse seguimento, em 2023, publicou “O Criado do Pastor – uma caminhada pelas serras do Norte”, editado pela Colibri, e já apresentado em várias localidades em Portugal.



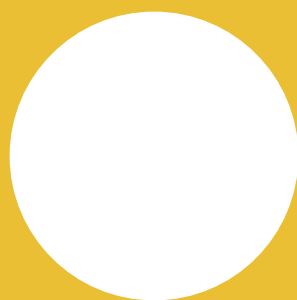
Capa do livro publicado pelas edições Colibri.

O livro, com ilustrações de Bruno Assis Fonseca, não é apenas uma reprodução da sua tese, pelo contrário, Júlio procurou transmitir as suas ideias e reflexões de uma forma acessível para diferentes públicos não académicos, dando visibilidade ao trabalho antropológico. Para isso, deu ênfase à narrativa etnográfica, partilhando com quem lê pormenores do trabalho de campo sempre acompanhados por reflexões que ajudam a “construir imaginários e falar para o subjetivo”, a fim de valorizar a cultura pastoril.

No seguimento do seu percurso, tem trabalhado para se consolidar como especialista da área socioambiental a partir da perspetiva comunitária. Por isso, faz parte do grupo que criou a empresa Rural Heritage & Environment - RHE Initiative. Ainda a dar os primeiros passos, esta empresa tem como objetivo o “empoderamento comunitário através da cultura e do património e da conservação da paisagem”. Júlio defende que é através do trabalho com as comunidades que se pode identificar necessidades e desenvolver instrumentos para lidar com os desafios socio-ecológicos.

Considera que mais um trabalho de intervenção do que de pesquisa, e esta dimensão pública do seu trabalho é prova desse engajamento. Júlio continuará a caminhar entre áreas, contextos e diferentes formas de intervenção, mas a etnografia caminhará consigo pois quer continuar a ser um especialista de terreno.





**CRIAÇÕES É UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO
DE CIÊNCIA DO CRIA E CONTA COM A COLABO-
RAÇÃO DE DOUGLAS SANTOS, EDUARDA ROVISCO,
VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO.**

DESIGN: MARIANA CAMACHO